

MARCIA SÁ CAVALCANTE SCHUBACK

**AMOR (*LIEBE*)**  
**VERBETE DO *ABÉCÉDAIRE DE MARTIN HEIDEGGER*.**  
**BEAULIEU, ALAIN. (DIR.).**  
**MONS: SILS MARIA; VRIN, 2008. p. 14-17**

**Marcia Sá Cavalcante Schuback**  
Södertörns Högskola (Suécia)

**Dax Moraes**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal, v. 22, n. 38  
Maio-Ago. 2015, p. 361-368

**Princípios**  
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



### Apresentação do editor

O amor não é, certamente, um dos temas maiores nos estudos heideggerianos. Mais do que isso: deve-se admitir que, à exceção de alguma tentativa isolada, chega a passar despercebido. O próprio Heidegger parece bastante econômico em seu tratamento, mesmo na famosa correspondência com Hannah Arendt, se considerada como um todo. Um olhar menos atento poderia concluir que não se trata de um conceito fundamental ou digno de ser pensado, quicá um mero sentimento. Mas como concluir isso se o amor nomeia a própria atitude do filósofo face à *sophia* – ou melhor: talvez, o amor como *Stimmung* que abre o mundo para, nessa abertura, ser propriamente *pensado* em sua *verdade*. Nas palavras de Marcia Schuback, Filosofia diz “a precedência da sabedoria da amizade relativamente à amizade pela sabedoria”<sup>1</sup>. Não é à toa que Heidegger tenha sido criticado por seus contemporâneos em virtude de seu silêncio sobre o amor. Mas seria tal “silêncio” uma omissão? Não apenas é contestável que se trate de omissão. Esse “silêncio” deve ser compreendido de modo próprio. Como disse Heidegger em seus encontros com Boss, a compreensão correta de ser revela Amor (*Liebe*) inseparável de *Sorge* (Cuidado, ou Cura) e a pretensão ou exigência de se complementar *Sorge* com *Liebe* implica que se os considere impropriamente como meros fenômenos ônticos, não como ontologicamente constitutivos do *Dasein*.

Percorrendo-se a obra de Heidegger com atenção, são diversas as ocasiões em que o amor aparece ligado a questões tão cruciais como as da essência do pensar e da essência da liberdade. Aliás, não se tratam de “dois temas”, mas um único, pois, como já diziam Platão (*Sofista*, 253 c) e Aristóteles (*Metafísica*, 982 b 25-28), a atividade do filósofo é a mais livre. Isso se verifica em escritos anteriores e posteriores à “virada”. Na “Carta sobre o humanismo”,

---

<sup>1</sup> Schuback, M. S. C. Vida privativa ou vida lacunar? Uma possível resposta de Heidegger à fenomenologia de Renaud Barbaras. *Cadernos spinozanos: estudos sobre o século XVI*. São Paulo, n. 27, jul.-dez. 2012, p. 72.

por exemplo, temos a oportunidade de compreender a amplitude que o tema pode adquirir quando se pensa o amor fora do domínio da vontade, como deixar-ser *em* e *para* seu ser o que se ama. Isto já se lê em uma carta a Arendt de 22 de junho de 1925. Deixar-ser o amor, o amor que deixa-ser o “tu”, é a superação mesma das relações cotidianas entre *sujeitos* ou entre um *sujeito* e *seu objeto*; trata-se de uma compreensão mais profunda e mais originária da constituição ontológica de ser-no-mundo como *Sorge*, do *Dasein* como ente relacional que, já sempre sendo-com e sendo-para, é seu próprio mundo. O amor constitui o “entre” característico de nosso modo de ser; é um relacionar-se originário irreduzível a qualidades ônticas, compreensão que se delineava no *eros* platônico, mas que viria a se perder ao longo da história da Metafísica.

Em verdade, a reunião dessas difusas marcas no caminho de Heidegger ao pensamento do amor não pode ser realizada aqui. Nesse sentido, o verbete redigido por Marcia Schuback não deve ser julgado pela sua brevidade em extensão, mas pelo alcance de seu aceno, incorporando decisivamente *Liebe* (Amor) no vocabulário heideggeriano e indicando-nos as primeiras “marcas” para a consecução de nossas próprias jornadas. Para tanto, nos aponta inicialmente o histórico do problema através das críticas de Jaspers e Binswanger, percorrendo desde o ponto de partida de Heidegger, que remete às conversas com Scheler, ainda no período de composição de *Ser e tempo*, até preleções da década de 1950. Nesse trajeto, passa pela tematização do amor como paixão (*Leiden-schaft*) – exposta por Heidegger em termos muito similares àqueles pelos quais antes se referia às tonalidades afetivas, ou humores (*Stimmungen*), no curso sobre *Os conceitos fundamentais da Metafísica* – no curso sobre Nietzsche intitulado *A vontade de poder como arte*. Esse curso parece decisivo para a interpretação de Agamben segundo a qual o amor seria, em Heidegger, “paixão da faticidade”, de que a autora também nos oferece um breve resumo. Para além disso, pode-se reconhecer algumas linhas de sua própria interpretação segundo a qual o *Dasein*, ser-no-mundo como cura

(ou cuidado, *Sorge*), é amor. Tal interpretação ganha forma completa em “Heideggerian love”, publicado posteriormente na compilação *Phenomenology of Eros*<sup>2</sup>, disponível no repositório da Södertörns Högskola (Suécia) (<http://sh.diva-portal.org/smash/get/diva2:524042/FULLTEXT01.pdf>), universidade em que Marcia Schuback leciona desde 1999. Aí reencontramos a brilhante interpretação – aqui apenas esboçada – do amor heideggeriano como *favor*, uma acepção praticamente perdida para nós do grego *charis*, reduzido a interpretações superficiais da “caridade”.

Em suma, trata-se de um breve verbete capaz de abrir novos horizontes para a compreensão do pensamento de Heidegger e suas possibilidades ainda em aberto.

---

<sup>2</sup> Bornemark, J; Schuback, M. S. C. (Ed.). *Phenomenology of eros*. Huddinge: Södertörns Högskola, 2012.

## Amor (*Liebe*)

As palavras de Heidegger sobre o amor não são numerosas. Numerosas, por sua vez, são censuras feitas a Heidegger por essa falta de menção ao amor.<sup>3</sup> Binswanger criticou a ausência da dimensão fundamental do amor na compreensão do ser-no-mundo como “cura” (*Sorge*).<sup>4</sup> Heidegger responde explicitamente a essa crítica: “Mas ‘cura’, compreendida corretamente, isto é, no sentido da ontologia fundamental, nunca pode ser diferenciada do ‘amor’, sendo o nome da constituição ekstático-temporal da presença [*Dasein*], a saber, como compreensão de ser”. (GA 89, p. 237)<sup>5</sup>

A indistinção entre cura *assim* compreendido e o amor está relacionada à crítica do conceito husserliano de intencionalidade elaborada por Heidegger e Scheler. Sob a inspiração de Santo Agostinho e de Pascal, o amor e o ódio, para Scheler, são uma abertura relacional do mundo mais originária do que o ato cognitivo. Para Heidegger, as noções schelerianas de amor e ódio não chegam, todavia, a elucidar a natureza da “relação” entre “sujeito” e “objeto”. Compreendido como “cura” ou estrutura de transcendência, só ser-no-mundo é que pode revelar a natureza dessa relação. A existência humana é presença [*Dasein*], ou seja, vida relacional, um “entre”, uma constituição ekstático-temporal ou compreensão de ser, um modo de ser que é uma ligação com a abertura de ser que tem de ser. Se o amor não se deixa diferenciar de “cura” é porque o amor exprime a estrutura ekstática, verbal e acontecimental da ligação com o [ter-]de-ser que constitui a presença [*Dasein*].

---

<sup>3</sup> V. p. ex.: K. Jaspers, *Notizen zu Martin Heidegger*, München, Piper, 1978, p. 34.

<sup>4</sup> L. Binswanger, *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*, Ausgewählte Werke, v. 2, Heidelberg, Asanger, 1993.

<sup>5</sup> N. do E. bras.: Cf. Heidegger: *Seminários de Zollikon: protocolos - diálogos - cartas*. Ed. Medard Boss. Trad. Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado, rev. Maria de Fátima de Almeida Prado e Renato Kirchner. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: EDUSF, 2009. p. 227. V. tb. p. 154-155.

O amor é presença [*Dasein*] e a presença-amor [*Dasein-amour*] jamais se acha em um sujeito ou em um objeto. Atravessada pelo amor, a presença [*Dasein*] é projeto [ou esboço, *Entwurf*], compreendido como um lançando-se, como trajeto rumo a possibilidades que ela já sempre é ou antecipa. Enquanto em Scheler o ser pessoal só se revela no amor<sup>6</sup>, para Heidegger, o amor deve se dissociar de toda visão personalista. Para ele, o amor não é nem intencional (Husserl), nem pessoal (Scheler), nem mesmo convivial (Binswanger). Que é, então, esse amor nu e cru? Será que esse amor, negando a subjetividade, seja como intencionalidade, seja como personalidade, seja como convivialidade, nega também toda alteridade?

A compreensão da presença [*Dasein*] como poder-ser (cura, transcendência) torna-se uma chave de interpretação para o pensamento heideggeriano do amor. Giorgio Agamben definiu o amor em Heidegger como “paixão da faticidade”, como um “poder de não poder” (*potentia passiva*) e como uma experiência do abandono ao inapropriável.<sup>7</sup> Heidegger consagra uma reflexão sobre o amor em seus cursos sobre Nietzsche (GA 6.1, p. 59 *et seq.*)<sup>8</sup>. Como o ódio (*Zorn*), o amor é uma paixão (*Leidenschaft*), não um afeto (*Affekt*) ou um sentimento (*Gefühl*). A paixão do amor é “a expansão clarividente no ente”, “integradora” (*sammelnde*) que se abre fora de si para o ente e, portanto, um êxtase. As “paixões” são a doação ôntica daquilo que, no âmbito ontológico, Heidegger denominou “disposições afetivas” (*Stimmungen*). O homem não se encontra (*sich findet*) no mundo como outros entes intramundanos. O homem dá-se a si mesmo como mundo,

<sup>6</sup> M. Scheler, “Liebe und Erkenntnis”, em *Schriften zur Soziologie und Weltanschauungslehre*, Berna, Francke Verlag, 1963. V. tb. o capítulo “Liebe und Person”, em *Wesen und Formen der Sympathie*, Berna, Francke Verlag, 1974.

<sup>7</sup> G. Agamben e V. Piazza, *L'ombre de l'amour: le concept d'amour chez Heidegger*, Paris, Payot & Rivages, 2003.

<sup>8</sup> N. do E. bras.: Cf. Heidegger: *Nietzsche*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. Vol. I. p. 45.

ele é dis-posto [*be-fintlich*] a poder se dis-por (*ist gestimmt*). Ele não é uma determinação (*Bestimmung*), mas uma dis-posição de afinidade/afinação [accordance] (*Stimmung*). As disposições afetivas fundamentais, como a angústia (GA 2), o tédio (GA 29/30), a alegria (GA 8), a esperança (GA 2), a melancolia (GA 29/30) e a admiração (GA 45), são potências transformadoras, pois são as *Stimmungen* que deixam irromper na vida fática do homem o mundo como totalidade verbal, a existência humana como presença [*Dasein*], o traço de união entre o homem-presença [*homme-Dasein*] e o mundo.

As *Stimmungen* são o limiar da transformação, o poder tornar-se outro do homem. Segundo Heidegger, a tradição metafísica teve dificuldade para compreender o que quer dizer “possibilidade” (*Möglichkeit*). Embora possibilidade exprima, metafisicamente, poder ou potencialidade para conservar, para perseverar, para se tornar seu ser, o possível, *das Mögliche*, é, para Heidegger, uma “possibilitação” [mise en possibilité] (*Ermöglichung*) das possibilidades, o favor doador do possível. Na “Carta sobre o humanismo”, esse sentido do possível e da possibilidade é definido como “amor” (GA 9, p. 313-314)<sup>9</sup>. Para Heidegger, o amor é fundamentalmente transformador e integrador. É transformador ao integrar simultaneamente poder e não poder.

A ligação fundamental entre *Stimmung* e possibilidade transformadora também mostra a relação essencial entre homem e natureza.<sup>10</sup> Em suas preleções consagradas a Heráclito<sup>11</sup>, Heidegger acena

<sup>9</sup> N. do E. bras.: Cf. Heidegger: *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein, rev. Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 329.

<sup>10</sup> Sobre a relação entre *Stimmung* e natureza, v. L. Spitzer, *Classical and Christian ideas of world harmony: prolegomena to an interpretation of the word “Stimmung”*, Baltimore, John Hopkins Press, 1964, p. 5; H. Maldiney, *Regard, parole, espace*, Lausanne, L'Âge d'Homme, 1973, p. 93; J.-P. Charcosset, “Y: notes sur la *Stimmung*”, em *Exercices de la patience*, Paris, Obsidiane, 1982; O. F. Bollnow, *Les tonalités affectives*, Neuchâtel, La Baconnière, 1953. V. tb. o texto de juventude de Nietzsche, escrito em abril de 1864, intitulado *Über die Stimmung*.

em direção a um pensamento do amor como um pensamento da *physis*, da “natureza”, como fundamento da possibilidade doadora de transformação. O homem não está aqui ou ali, mas consiste em uma proximidade ôntico-ontológica, em um “entre dia e noite”. No seio da natureza, o homem é dissemelhante a tudo o que está no mundo e semelhante ao fundo obscuro do ser. Heidegger chama “corporeidade” (*Leiblichkeit*) essa dupla relação de semelhança e dissemelhança, que Fink explica como o “modo de compreensão de *eros*”<sup>12</sup>. Esse “modo de compreensão de *eros*”, essa “corporeidade”, é a autoexposição do relacional para além das oposições e das sínteses dialéticas. Vê-se aí uma grande proximidade com o Eros platônico. Poder-se-ia dizer que, para Heidegger (e para Fink), Eros compreende de maneira não-dual, integrando dois princípios de compreensão: conhecer o semelhante pelo semelhante e o dissemelhante pelo dissemelhante. O amor descobre no mesmo e no outro o não-outro. Seguindo o fio das conexões estabelecidas entre presença [*Dasein*] no homem, possibilidade, *physis* e amor, pode-se dizer que o amor heideggeriano não fala de natureza do homem, mas evidencia o favor doador e transformador da natureza no homem. Seguindo as direções assim esboçadas, pode-se tentar compreender a apropriação interpretativa realizada por Heidegger do verso de Hölderlin extraído de *Sócrates e Alcibíades*: “Quem pensou o mais profundo ama o mais vivo”<sup>13</sup>.

Tradução recebida em 22/07/2015, aprovada em 25/07/2015

---

<sup>11</sup> GA 15 e 55.

<sup>12</sup> M. Heidegger e E. Fink, *Héraclite*, Paris, Gallimard, 1973, p. 200.

<sup>13</sup> M. Heidegger, *Qu'appelle-t-on penser?*, Paris, PUF, 1992, p. 32 (GA 8, 9). [N. do E. bras.: Cf. Heidegger: O que quer dizer pensar?, em *Ensaio e conferências*, 4. ed., Petrópolis, Vozes; Bragança Paulista, EDUSF, 2007, p. 119. GA 7]